

# CETAB Informa

## A meleira do mamoeiro

Alirio José da Cruz Neto<sup>1</sup>  
Cristiane de Jesus Barbosa<sup>2</sup>

### Introdução

O Brasil é o segundo maior produtor mundial mamão. A Bahia destaca-se como maior produtor nacional, com produtividade de 64,61 t ha<sup>-1</sup>, contribuindo com 49% da produção nacional, seguido por Espírito Santo, São Paulo, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte (IBGE, 2015). Sua importância econômica está fundamentada em ser uma das poucas frutíferas capazes de produzir todo o ano. Por outro lado, sua produtividade e rendimento econômicos vêm sendo comprometidos por problemas fitossanitários, destacando-se entre eles as viroses, especialmente o vírus da meleira do mamoeiro (Papaya meleira virus, PMeV).



Fig 1. Planta com sintomas do vírus da Meleira.

Foto: Cristiane Barbosa

### Agente causal

O agente etiológico da meleira é o papaya meleira virus (PMeV, e foi identificado como um vírus de RNA fita dupla (dsRNA) com peso molecular de 10 a 12kb, pertencente ao micovírus da família *Totiviridae*. Recentemente, foi identificado um segundo vírus associado a plantas com sintomas de meleira em plantios no Espírito Santo. O vírus, denominado papaya meleira virus 2 (PMeV2), possui genoma de RNA fita simples (ssRNA) com tamanho aproximado de 4,5kb, encapsidado pela capa proteica do PMeV. Até então, foi descrito como pertencente ao gênero *Umbravirus*. Em trabalhos realizados no Laboratório de Virologia da Embrapa Mandioca e Fruticultura através da técnica de RT-PCR (Reação da transcriptase reversa) foi também identificado em plantas sintomáticas a presença do novo vírus (PMeV 2).

### Transmissão

Como ocorre na maioria das viroses a transmissão da meleira pode ser realizada mecanicamente, uma vez que, as partículas virais estão presentes em alta concentração nos exsudado de látex. Dessa forma, ferimentos podem ser realizados no momento dos tratos culturais, como por exemplo, na fase de sexagem do mamoeiro. Com relação à transmissão da meleira por insetos há divergências entre os grupos de pesquisa. Pesquisadores do Espírito Santo

---

<sup>1</sup> Biólogo Licenciado, Estudante de Doutorado pela UEFS. E-mail: alirioneto@hotmail.com

<sup>2</sup> Virologista, Pesquisadora da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical. E-mail: [barbosa@cnpmf.embrapa.br](mailto:barbosa@cnpmf.embrapa.br)

trabalharam com a mosca branca *Trialeurodes variabilis* e evidenciaram que este inseto não era capaz de transmitir a meleira. No entanto, pesquisadores da Embrapa após consideraram que o inseto responsável pela transmissão do vírus era a mosca branca *Bemisia Tabaci* biótipo B. Até o momento não se tem relatos de que o vírus da meleira possa ser transmitido por sementes. Exceto para estirpe do PMeV oriundos do México (PMeV-Mx), onde foram encontradas presença do vírus em sementes de frutos sintomáticos para meleira. Vale ressaltar, que o vírus relatado no México assemelha-se fortemente com o novo vírus PMeV 2 (gênero *Umbravirus*), diferentemente do vírus encontrado no Brasil.

### Sintomatologia

Na ocorrência da doença plantas apresentam exsudação espontânea de látex aquoso e fluido nos frutos e folhas, que oxidam em contato com o ar causando lesões necróticas nas pontas de folhas jovens e a aparência borrada e melada nos frutos (Fig. 2).



Figura 2. Mamoeiro com sintomas típicos da meleira. A) Exsudação espontânea de látex fluido e aquoso observada na superfície dos frutos; B) Pequenas lesões necróticas nas pontas de folhas jovens. Fotos: Alirio Neto

Como resultado os frutos ficam inviáveis para a o consumo e comercialização, devido principalmente ao fato do sabor da fruta ser totalmente alterado e desagradável. Os primeiros sintomas surgem normalmente aos seis meses, nas extremidades das folhas novas, que apresentam queima da ponta e alterações na sua forma e nos frutos ocorrem manchas. Como resultado os frutos ficam inviáveis para a o consumo e comercialização, devido principalmente ao fato do sabor da fruta ser totalmente alterado e desagradável. Esses sintomas apenas são visíveis após a floração, que ocorre entre 3 a 4 meses após o plantio. Dessa forma, plantas infectadas permanecem no campo constituindo um importante fonte do vírus.

### Práticas de Manejo da doença

Para o manejo sugere-se:

- Realizar inspeções semanais nos pomares e eliminar as plantas doentes (*roguing*), para isso recomenda-se a contratação de uma pragueiro;
- Desinfestar todo o material a ser utilizado no processo de sexagem, desbaste de frutos e colheita;
- Reduzir ao máximo os ferimentos nas plantas, durante a realização de tratamentos culturais;

- Fazer o manejo da vegetação espontânea, roçando as linhas e entre entrelinhas, para diminuir a variabilidade de espécies de plantas daninhas;
- Eliminar as lavouras (doentes ou sadias) no final do ciclo econômico de produção, para eliminação da fonte de inóculo.

Ademais, A AGÊNCIA ESTADUAL DE DEFESA AGROPECUÁRIA DA BAHIA (ADAB), pela Portaria 231 ADAB, de 13 de Agosto de 2004, determina que todas as propriedades do Estado da Bahia, que apresentem ocorrência de “Mosaico”, “Mancha Anelar” e “Meleira” pratiquem a eliminação dos mamoeiros infectados e destruição de pomares abandonados, através do *roqing*. Para reduzir o inóculo inicial e, conseqüentemente a dispersão destes patógenos.